



Ações de saúde ambiental realizadas por enfermeiros da Estratégia Saúde da Família

Environmental health actions performed by nurses of the Family Health Strategy

Marcelo Melo Silva¹, Teila Ceolin², Marjoriê da Costa Mendieta³,
Manuelle Arias Piriz⁴

RESUMO

Objetivo: conhecer as ações de saúde ambiental realizadas por enfermeiros que atuam na Estratégia Saúde da Família de Pelotas/Rio Grande do Sul. **Métodos:** pesquisa qualitativa, realizada em Pelotas/Rio Grande do Sul, com cinco enfermeiros da Estratégia Saúde da Família rural e urbana, em 2013. Os dados foram analisados pela proposta temática. **Resultados:** apenas um dos participantes referiu que a temática saúde ambiental foi abordada na graduação. Todos os entrevistados reconheceram que o ambiente está diretamente ligado ao processo saúde-doença, identificaram diversos problemas ambientais em seus territórios e relataram realizar várias ações ambientais para minimizar os danos à saúde da população. **Considerações finais:** considera-se importante que os enfermeiros trabalhem questões ambientais em seu cotidiano e atuem em conjunto com a população para minimizá-los.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Ambiental. Enfermeiros. Atenção Primária Ambiental. Atenção Primária à Saúde.

ABSTRACT

Objective: to understand the environmental health actions performed by nurses who act in the Family Health Strategy in Pelotas, Rio Grande do Sul. **Methods:** it is a

¹ Enfermeiro pela Faculdade de enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

² Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Docente da Faculdade de Enfermagem da UFPel.

³ Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: marjoriemendieta@gmail.com

⁴ Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

qualitative research, carried on in Pelotas, Rio Grande do Sul, with five nurses who worked in the Family Health Strategy, in the countryside and in the urban area, in 2013. Data was analyzed by the thematic proposal. Results: only one participant reported that the thematic “environmental health” was approached during the graduation. All of the interviewed people acknowledged that the environment is directly connected to the health-disease process, identified several environment problems in their territories and reported that they execute diverse environmental actions to minimize the damage that can affect the population’s health. Final Considerations: nurses must work on environmental issues in their daily activities and act with the population to minimize possible hazards.

KEYWORDS: Environmental Health. Nurses. Primary Environmental Care. Primary Health Care.

INTRODUÇÃO

A preocupação com a degradação ambiental não é recente. Diversos fatores em contextos históricos contribuíram para a caracterização da problemática ambiental como um aspecto global. A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, também denominada de Conferência de Estocolmo, ocorrida em 1972, representa um marco, pois foi a primeira grande iniciativa internacional de proteção ao meio ambiente.¹

Há algumas décadas têm se intensificado mundialmente debates em torno dos impactos que uma crise ambiental de nível planetária pode trazer à economia, cultura e sociedade. Dessa forma, as consequências, esperadas e inesperadas, trazem importantes impactos sobre o modo de vida das pessoas e têm se tornado alvo de reflexões de estudiosos.²

No cenário internacional, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) definiram o conceito de Atenção Primária Ambiental (APA) como sendo uma estratégia de ação ambiental preventiva e participativa, na qual reconhecem o direito das pessoas de viverem em um ambiente saudável, informando-as sobre os riscos do ambiente em relação à saúde, bem-estar e sobrevivência.³

Apesar de a APA ser uma estratégia promovida pelo setor saúde, a fim de evitar confusão com definições, surgiu a redefinição de APA para Atenção Primária em Saúde Ambiental (APSA)⁴. Esta busca respeitar o setor saúde como promotor do processo e recoloca a saúde ambiental como o objeto das ações locais. A estratégia da APSA no Brasil propõe ações de promoção e prevenção da saúde com práticas ambientalistas que devem fazer parte da rotina dos profissionais da atenção básica, incluindo o enfermeiro, visando à antecipação a agravos à saúde e ao meio ambiente.⁵

De acordo com estudo da OMS⁴ sobre saúde e fatores ambientais, 24% da morbidade mundial deve-se à exposição a riscos ambientais evitáveis, assim como 40% das mortes por malária e 94% por doenças diarreicas, duas das principais

causas de mortalidade infantil no mundo. Ainda, diarreia e doenças respiratórias são, respectivamente, a primeira e segunda causa de doenças ligadas ao ambiente.

Nesse contexto, a inserção da enfermagem traz contribuições referentes à promoção da saúde das pessoas, realizando ações de cuidado que integrem saúde e ambiente no qual o indivíduo insere-se, contribuindo para a melhoria na saúde e na qualidade de vida das populações. É necessário que essas ações de promoção da saúde se caracterizem como um processo em construção, no qual as práticas e os saberes são constituídos, resultado de ações interdisciplinares dialógicas.⁶

Com isso, o enfermeiro da Estratégia de Saúde da Família (ESF) pode atuar de maneira ativa na promoção da saúde e prevenção de doenças, reconhecendo o seu território, seus riscos, fatores ambientais e desenvolvendo estratégias de recuperação do meio, minimizando os danos a saúde da população.

Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo conhecer as ações de saúde ambiental realizadas pelos enfermeiros que atuam na Estratégia Saúde da Família de Pelotas/RS.

MÉTODO

Este estudo se caracterizou por uma abordagem qualitativa, do tipo descritiva e exploratória. Os métodos qualitativos têm muito a apresentar aos que estudam a atenção e os serviços de saúde. A pesquisa qualitativa⁷ está relacionada aos significados de como os indivíduos observam suas experiências do mundo social e à maneira como esses seres compreendem este mundo. Foi desenvolvido em cinco Unidades Básicas de Saúde (UBS) com Estratégia Saúde da Família (ESF), das zonas urbana e rural, no município de Pelotas, localizado na região Sul do estado do Rio Grande do Sul.

Os participantes da pesquisa foram cinco enfermeiros da ESF rural e urbana de Pelotas/RS. Foram escolhidos, por meio de sorteio, cinco equipes de ESF, sendo duas da área rural e três na zona urbana. Para o sorteio, cada equipe foi identificada pelo seu respectivo código no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES). Os critérios de inclusão foram: atuar na equipe de ESF sorteada e trabalhar na ESF há pelo menos seis meses. Já os critérios de exclusão foram os afastados do serviço por motivo de saúde, licença maternidade ou férias e/ou trabalhar em equipe de ESF já sorteada.

Para a coleta de dados, foram percorridas as seguintes etapas: 1) Pesquisa no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), realizada em maio de 2013, das equipes cadastradas como ESF no município de Pelotas; 2) Confirmação dos dados na Secretaria Municipal de Saúde (SMS) do município, com a coordenadora da Estratégia de Saúde da Família; 3) Solicitação de autorização para coleta de dados à Superintendente de Ações em Saúde do município de Pelotas, por meio de uma carta de anuência; 4) Realização do sorteio, três enfermeiros da zona urbana e dois enfermeiros da zona rural.

Caso fosse sorteado mais de um sujeito na mesma unidade, este seria desconsiderado e realizado outro sorteio até a obtenção de cinco participantes em unidades distintas; 5) Após o parecer favorável do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, realização de contato telefônico com os enfermeiros sorteados para agendamento das visitas.

A coleta de dados ocorreu entre setembro e outubro de 2013, em duas etapas. Na primeira visita, foi abordado novamente sobre os objetivos da pesquisa e realizada assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Também foi fornecido ao enfermeiro um instrumento o qual foi preenchido durante uma semana (dia da semana e turno de trabalho) com as atividades as quais o profissional considerava ações de saúde ambiental. Nesse encontro foi agendada a segunda visita para recebimento do instrumento e realização da entrevista semiestruturada. A entrevista semiestruturada foi gravada. Sua elaboração baseou-se a partir de algumas questões utilizadas em uma pesquisa realizada previamente por pesquisadores da área em um Hospital Universitário da região Sul do Rio Grande do Sul.⁸

A entrevista abordou questões sobre: perfil dos participantes; formação acadêmica ou complementar sobre saúde ambiental; interferência do ambiente no qual vivemos sobre a saúde; problemas ambientais que repercutem na saúde do usuário e na comunidade na qual atua; realização de atividades relacionadas à saúde ambiental com os usuários do serviço e na comunidade na qual atua; responsabilidade ambiental; entendimento sobre desenvolvimento sustentável.

Os dados obtidos nas entrevistas e no instrumento autoaplicável foram transcritos, organizados de acordo com a análise temática⁹, na qual emergiram os seguintes temas: contextualização do perfil dos enfermeiros participantes da pesquisa; a relação do ambiente com a saúde; ações de saúde ambiental realizadas pelos enfermeiros; e o Sistema de Informação da Atenção Básica como ferramenta para identificação das condições ambientais. Os participantes da pesquisa foram identificados por nomes fictícios, seguido do local (urbano ou rural) e idade.

Nesse estudo, foi respeitada a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde¹⁰, que trata da pesquisa envolvendo seres humanos. A pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da UFPel, sob o parecer nº 380.024/2013.

RESULTADOS

Buscando atender ao objetivo de conhecer as ações de saúde ambiental realizadas pelos enfermeiros que atuam na Estratégia Saúde da Família de Pelotas/RS, a seguir, são apresentados os resultados seguindo-se a ordem dos temas identificados, antecedidos de uma breve descrição dos participantes da pesquisa.

Participaram desta pesquisa cinco enfermeiros (quadro 1), três dos quais trabalhavam em ESF urbana. A maioria dos participantes era do sexo feminino. A idade variou entre 38 e 53 anos, e o tempo de conclusão de graduação, entre 15 e 28 anos. O tempo de atuação na ESF oscilou de um ano e dez meses a 12 anos. Destes, um profissional estava cursando e quatro já haviam concluído pós-graduação em saúde da família.

Quadro 1 – Contextualização dos enfermeiros participantes da pesquisa

Nome fictício	ROBERTA	MARGARIDA	LIMA	PEDRO	EDUARDA
Sexo	Feminino	Feminino	Masculino	Masculino	Feminino
Idade	38	50	56	51	53
Local de trabalho	Urbano	Urbano	Urbano	Rural	Rural
Tempo de conclusão da graduação	15 anos	19 anos	22 anos	28 anos	20 anos
Pós-Graduação	Estratégia de Saúde da Família	Estratégia Saúde da Família; Epidemiologia; Auditoria em Saúde	Saúde da Família; Administração Hospitalar	Saúde da Família; Projetos Assistenciais; Formação Pedagógica em Enfermagem; Mestrado em Enfermagem	Saúde da Família (em andamento)
Tempo de atuação na ESF	1 ano e 10 meses	1 ano e 3 meses	11 anos	9 anos	12 anos

Fonte: elaborado pelos autores

Quando questionados se o tema saúde ambiental foi tratado durante a graduação, apenas uma entrevistada referiu ter essa temática abordada, relatando, ainda, ter sido monitora de uma disciplina com este assunto. Os demais entrevistados (04) responderam não ter sido abordado esse tema na graduação.

Como faz muitos anos, na época da faculdade, eu não lembro assim nada que tivesse uma preocupação com o meio ambiente. (Eduarda, rural, 53)

Não. É que eu sou formado há 22 anos, né. Naquela época a gente era direcionado mais à rede hospitalar. Nós não tinha muita, não tinha muita assim, tendência à saúde pública. (Lima, urbano, 56)

Dois dentre esses quatro enfermeiros relataram terem se qualificado e discutido acerca do tema após a graduação em um curso de extensão, e outro, durante o mestrado.

Todos os entrevistados, ao serem questionados sobre a interferência do ambiente no qual vivemos, na saúde, consideraram que o meio ambiente está diretamente relacionado com o processo saúde-doença.

Com certeza, interfere. Se nós tivermos um ambiente insalubre, por exemplo, não ter a rede de esgoto, não ter coleta de lixo, até dentro da própria residência, não fazer uma boa higiene do lar, que isso aí também interferiria com certeza na saúde, que aparece nas enfermidades. (Roberta, urbano, 38)

Dois entrevistados citaram ações relacionadas ao espaço interno das residências e um ao ambiente de trabalho, como descrito na fala a seguir.

Com certeza. Por exemplo, o ambiente que eu trabalho, na Unidade de Saúde [nome], nós temos um monte de problemas que eu considero ação de saúde ambiental, por exemplo: mofo, goteiras, lixo ao redor da unidade básica. Que isso aí vai bem a esse tema, isso interfere na saúde até do trabalhador, né? Mofo, a gente pode ter uma alergia, nos próprios pacientes que a gente atente também. (Lima, urbano, 56)

Na fala citada anteriormente, o entrevistado demonstra preocupação em relação ao seu local de trabalho, podendo acarretar riscos à saúde tanto para os trabalhadores como para os usuários do serviço de saúde. Nesse contexto, uma das observações realizadas durante a pesquisa foi a presença de mofo e infiltrações dentro da unidade de saúde, além das goteiras em dias de chuva.

A partir das entrevistas e do quadro registrado durante uma semana típica de trabalho foram citadas pelos profissionais diferentes ações de saúde ambiental, as quais estão listadas na tabela 1.

Tabela 1 - Ações de saúde ambiental realizadas pelos enfermeiros da pesquisa.

Ações desenvolvidas	Zonas	
	Urbana	Rural
Trabalhar saúde ambiental em escolas	V	V
Orientações sobre os cuidados com o sol e a pele, uso de protetor solar	V	V
Visitas domiciliares para orientações de cuidados em saúde e meio ambiente	V	V
Orientações sobre o cuidado com as árvores e não desmatar	V	V
Proposta de plantio de mudas de árvores com escolares	---	V
Abordar saúde ambiental nas consultas de enfermagem	V	V
Cuidados com a água para consumo humano	V	V
Orientações sobre reciclagem do lixo seco e destino adequado do lixo orgânico	V	V
Uso de plantas medicinais no cuidado em saúde	V	---
Informações sobre o descarte de curativos domiciliares	V	---
Construção de fossas sépticas	---	V
Alimentação saudável no grupo de hipertensos e diabéticos e interação com a área verde na UBS	---	V

(Conclusão)

Ações desenvolvidas	Zonas	
	Urbana	Rural
Cuidados na troca de fralda de bebês vacinados com Rotavírus	V	---
Orientações sobre o cuidado no preparo de alimentos	V	---
Preparo de caixa coletora de pilhas descartáveis	---	V
Cuidado com construção de hortas	---	V
Higiene no domicílio e quintal	V	---
Cuidado com animais domésticos e de rua (zoonoses)	V	---
Construção de pote de descarte de agulhas de insulíndependentes através de garrafas Pet ¹	---	V
Sala de espera na UBS abordando a saúde ambiental	---	V
Grupo de artesanato utilizando materiais recicláveis	V	---
Orientações de utilização de EPIS ² na aplicação de agrotóxicos e pesticidas e no trabalho com máquinas de poluição sonora	---	V
Descarte de embalagens de agrotóxicos	---	V

Nota: Resultados da pesquisa realizada na cidade de Pelotas/RS no ano de 2013.

(V) indica que a ação foi levantada pelas unidades daquela zona e (---) indica que a ação não foi levantada.

¹ PET: Politereftalato de etileno. ² Equipamentos de Proteção Individual.

Fonte: elaborado pelos autores

Nota-se que uma das ações de saúde ambiental realizada pelos enfermeiros foi orientação à população sobre os raios ultravioleta (UV) relacionados ao buraco na camada de ozônio.

E falo muito sobre o cuidado com a pele nos grupos, principalmente agora eu falo todos os meses. Porque eles acham que no inverno não se queimam, mas eu falo. [...] eu tô sempre abordando com as mães sobre o cuidado com a pele dos bebês, porque desde pequenininho tem que começar a cuidar. Falo sobre a camada de ozônio que aqui no sul sempre é mais forte o sol. (Eduarda, rural, 53)

Uma das maneiras de proteger-se dos raios UV é o uso de protetor solar, quando em exposição ao sol. No relato a seguir, a entrevistada demonstra preocupação com o assunto, orientando seus usuários sobre o uso do protetor solar.

E o que eu lembrei dessa semana aqui, foi sobre o problema da camada de ozônio, de tu cuidar, de tu passar o protetor solar. Que foi semana passada, acho que deu no jornal que a camada tava bem perigoso aqueles dias, tava bem alto (referindo-se ao índice de radiação Ultra Violeta) [...]. (Margarida, urbano, 50)

No entanto, a falta de informação por parte da população sobre os benefícios da utilização do protetor solar, associado ao seu alto custo, resulta na baixa adesão ao seu uso, o que pode estar relacionado ao aumento da incidência de doenças como o câncer de pele.

A gente fala, mas, é como eu já te falei, são pessoas de baixa renda, de comprar um protetor solar que assim, não é tão barato, e também não é tão caro, mas eles não têm essa visão de prevenção, sabe? A visão deles é diferente. (Margarida, urbano, 50)

Uma ação global criada com a intenção de diminuição de danos ao planeta, inclusive diminuição de incidência de câncer de pele, foi o Tratado de Kyoto, um acordo realizado entre vários países. No discurso a seguir, o entrevistado demonstra conhecimento acerca dessa política que visa preservar a camada de ozônio e desacelerar o aquecimento global.

Tratado de Kyoto foi no Japão, e os países desenvolvidos não aderiram. Alguns países como Estados Unidos, Rússia não aderiram a esse programa. Então assim, se fala muito em preservar. Mas esse é uma ação global. Mas tem a ação individual e a ação profissional, que guiam as pessoas pra esse projeto maior, que é de cuidar o meio ambiente, cuidar da saúde ambiental. (Pedro, rural, 51)

É importante que a enfermagem se mantenha atualizada de projetos que visam à preservação do planeta, assim, explicando aos usuários da gravidade dos problemas ambientais à saúde de forma a interagir com a população para adesão a iniciativas que visem à proteção ao meio ambiente.

Outra medida que deve ser realizada para o equilíbrio do meio ambiente é a preservação das florestas. Alguns enfermeiros relataram ações nesse sentido.

A gente coloca pra eles também a importância do desmatamento, de não cortar as árvores. As árvores são muito importante pra gente, nos dão oxigênio, além da sombra. E tem muitas árvores também que são frutíferas, da alimentos também. Que a gente sempre coloca pra eles a importância deles não desmatar. Que a gente entende que desenvolvimento não é desmatamento. Tu podes ter uma tropa, uma cidade, um bairro, sem necessidade de agredir o meio ambiente. (Lima, urbano, 56)

É importante incentivar que a comunidade local reconheça a importância de preservar o ambiente local, uma forma de fazer isso é realizar uma integração da população com as áreas verdes. Um dos entrevistados relata desenvolver um papel nesse sentido.

Essa quarta-feira à tarde terá um encontro, um piquenique aqui no meio onde a gente está, no posto, no meio ambiente do posto. Porque a gente acredita que esse posto ele é uma alvenaria, mas ele tá cercado por árvores, cercado por vegetação, por coisas naturais. E isso pra nós tem a ver, interage com as relações que se formam dentro do posto e se faz dela pra fora também do posto, utilizando o meio ambiente. (Pedro, rural, 51)

Sendo o desmatamento um problema global, pois afeta o clima terrestre através do aumento das temperaturas, é importante que todos sejam orientados da importância de preservar as florestas e do reflorestamento de áreas desmatadas.

A gente ia fazer sobre, nas escolas, plantar mudas na beira do arroio. Não conseguimos mudas no ano passado. Esse ano a minha colega se operou também, que é dentista aqui, que ia me ajudar. Não fizemos, mas, a gente tem um projetinho, ainda pra desenvolver. (Eduarda, rural, 53)

As ações realizadas por enfermeiros quanto ao desmatamento foram desde orientações sobre a importância das árvores, a interação da população com o meio ambiente até projetos de reflorestamento envolvendo a população.

Outra ação ambiental que surgiu neste estudo foi em relação a orientações de cuidado pós-vacinal da vacina contra Rotavírus.

Mas na semana assim eu tive, o que me chamou a atenção foi às questões da vacina da rotavírus. Que a gente sempre fala pras mães que o bebê vai ficar eliminando o vírus, que tem que ter cuidado com o descarte da fralda, para os cachorros não virarem o lixo pra não espalhar no ambiente. Então a gente sempre fala da lavagem exaustiva das mãos depois que trocar o bebê, principalmente na primeira semana, e eu considerei como uma ação importante. (Roberta, urbano, 38)

Também foi citada, pelos participantes, a visita domiciliar como ferramenta de identificação de problemas ambientais e de orientação a respeito dos mesmos.

Claro, que toda vez que a gente visita um paciente, que uma residência não tá em boas condições, sempre é orientado, que é importante pra saúde, pra evitar vetores, moscas, insetos. A gente sempre orienta. (Roberta, urbano, 38)

O caminho é a gente fazer uma visita, o enfermeiro, ou até o médico também, através da visita domiciliar. A gente tentar desmistificar, tentar orientar essas pessoas, se elas estão fazendo erroneamente tentar fazer com que elas façam corretamente. (Lima, urbano, 56)

Nesta pesquisa, todos os enfermeiros referiram o Sistema de Informação de Atenção Básica (SIAB) como método de identificação das condições ambientais das famílias.

E no SIAB, trabalho importante que eles [ACS] investigam, é se a pessoa tem água encanada, qual é o tipo de esgoto, se tem esgoto irrigado, se é a céu aberto, o tipo de habitação, se é casa de alvenaria ou de madeira, de tábuas. Se água é potável ou não, se é tratada ou não. Então, nesse caso o SIAB tem muito a ver com relação à saúde ambiental. (Lima, urbano, 56)

Os entrevistados relataram que é necessário empenho do poder público para realizar mudanças significativas nas condições de saúde da comunidade.

As ações de saúde ambiental aqui na cidade eu acredito que é de modo geral. Que é tentar botar saneamento básico, botar rede de esgotos. Não tem assim uma maneira específica, o que a gente faz depende de outros setores da prefeitura. A gente mesmo não tem como fazer, a gente tem que depender do setor de obra. Porque tem cada secretaria específica que realiza essas reformas ou esses melhoramentos do bairro. (Margarida, urbano, 50)

Mas não teve ainda um método de ação específico, isso eu reconheço. Que é uma coisa que nós precisamos trabalhar mais. Se tentou algumas formas de trabalho com as zonas mais carentes da zona rural aqui próximo ao posto inclusive. Mas depende do poder público pra poder interferir nesse meio. Interagir a gente já interage. Mas a gente não interfere de maneira decisiva pra melhorar as condições de saúde dessa população. (Pedro, rural, 51)

Em geral, os entrevistados referem conseguir articular com alguns setores, porém, relatam desinteresse do setor público na melhoria de condições sanitárias para melhorar a condição de vida da população.

DISCUSSÃO

Quanto à formação dos participantes do estudo, contatou-se que o tema saúde ambiental foi pouco abordado durante a graduação. Os relatos demonstram a influência do modelo de formação voltado para a doença e o ambiente hospitalar, o que possivelmente está associado ao fato de a maioria dos profissionais terem concluído a graduação antes de 1994.

A criação do Sistema Único de Saúde (SUS), ainda recente na década de 1990, justifica em parte esse enfoque biologicista, visto que a formação ainda na atualidade é fortemente influenciada pela hegemonia do modelo biomédico, o que dificulta a consolidação do SUS¹¹ e, por consequência, distancia ainda mais o desenvolvimento da compreensão ampliada de saúde e ambiente.

Ao encontro da pesquisa citada anteriormente, um estudo¹² apontou uma visão superficial dos enfermeiros sobre a relação saúde e meio ambiente, permitindo inferir que há um distanciamento desses profissionais com um conhecimento mais abrangente sobre o assunto. Para as autoras, há uma abordagem simplista e reducionista nas questões de saúde ambiental na formação dos profissionais, que mostra uma fragilidade das universidades em conduzir esse tema de forma clara e efetiva.

Corroborando, uma investigação realizada com enfermeiros docentes sobre como ocorre a abordagem da relação saúde-ambiente na formação profissional em enfermagem identificou que, embora presente, há fragilidades na formação. Há a necessidade de inclusão de componentes nos projetos pedagógicos que garantam espaços para discussões que contemplem a complexidade da temática em contraposição a um enfoque reducionista e fragmentado.¹³

Nessa perspectiva, é importante que seja abordada durante a graduação em enfermagem a problemática saúde ambiental, em componentes curriculares, assim como em todos os campos/cenários da atuação, de uma forma interdisciplinar. Desse modo, os futuros enfermeiros terão oportunidade de desenvolver uma consciência ambiental para trabalharem em conjunto com outros profissionais e com a comunidade na recuperação do meio ambiente, proporcionando uma melhoria na qualidade de vida da população.

Em relação à maioria dos enfermeiros não terem relatado problemas de condições de moradias precárias, ou local de trabalho insalubre, é comum vermos o meio ambiente apenas como algo que está fora de nós, desvinculando o fato de que o espaço de trabalho e moradia estão inseridos neste. Embora, às vezes, se trabalhe nessa

vertente, na área da saúde não podemos ter essa visão, pois temos uma relação direta com o meio ambiente que, se alterada, pode desencadear doenças na comunidade.¹⁴

É importante que o espaço de trabalho do profissional de saúde esteja equipado e adequado para exercer sua atividade, trazendo segurança para o usuário e trabalhadores. No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) é responsável pelas normas de construção de estabelecimentos assistências em saúde¹⁵. A fiscalização desses espaços é de responsabilidade dos estados e municípios por meio da vigilância sanitária, sendo importante que os profissionais de saúde comuniquem aos setores responsáveis quando as unidades necessitarem de reparos.

Quanto aos problemas causados por exposição excessiva aos raios solares, segundo dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA), o câncer de pele¹⁶ é o mais frequente no Brasil, correspondendo a cerca de 30% de todos os tumores malignos diagnosticados no país, sendo a radiação ultravioleta natural, proveniente do Sol, o maior agente etiológico.

Um estudo¹⁷ aponta que, por mais que existam leis focadas na distribuição de protetores solares gratuitos pelo SUS, elas nem sempre são cumpridas ou ainda, quando cumpridas, abrangem uma pequena parcela da população. Entretanto, existem outras medidas¹⁸ mais simples para evitar a exposição aos raios UV que podem ser realizadas por profissionais de saúde, como orientações à população sobre os malefícios que a exposição excessiva sem proteção ao sol traz, associadas à construção de hábitos de uso de chapéus, óculos escuros, camisa de manga longa e calça comprida, e também evitar exposição ao sol entre as 10h e 16h.

Nesta pesquisa, um dos participantes relatou conhecer sobre acordos globais que têm a intenção de diminuir a emissão de gases poluentes, como o Protocolo de Kyoto. Mais recente, há o Acordo de Paris¹⁹, ocorrido em 2015, que assim como o Protocolo de Kyoto visa a que os países desenvolvam estratégias para minimizar os danos ao planeta causados pelo homem, como a diminuição de gases poluentes que contribuem para o efeito estufa. No entanto, tempo depois do Acordo, os Estados Unidos, considerados um dos países mais poluentes, se retiraram, alegando que afetaria a economia do país.

Outra forma de contribuir para diminuição do aquecimento global é cessar o desmatamento e reflorestar áreas devastadas pela ação do homem. Ações nesse sentido foram citadas pelos enfermeiros entrevistados. Uma pesquisa²⁰ mostra que o desmatamento no Brasil continua sendo um sério problema, podendo ter graves consequências. Além do aquecimento global²¹, o desmatamento acarreta doenças à saúde como as transmitidas por animais e insetos que, ao perderem seu habitat natural, acabam migrando para áreas povoadas.

Outra ação levantada na pesquisa foi a importância de manter uma boa higiene pessoal e no manuseio das fezes de crianças vacinadas, tendo em vista a eliminação de vírus vacinal nas fezes. Uma revisão integrativa de literatura²² sobre a assistência de

enfermagem no cuidado à diarreia infantil demonstra que os cuidados de enfermagem diante dessa realidade podem ocorrer por meio de ações de educação em saúde, orientações e acompanhamento com enfoque nas questões ambientais, como as de higiene e saneamento.

A visita domiciliar também foi apontada pelos entrevistados como uma ação que possibilita dar orientações sobre saúde e meio ambiente. Essa é uma das atribuições de todos os profissionais da ESF e, ao realizá-la, o profissional tem a oportunidade de observar, com olhar mais crítico, os determinantes do processo saúde-doença no ambiente²³ desenvolvendo planos de intervenção.

Assim, compreende-se que o profissional, além de observar o território incluindo as questões ambientais, tem a oportunidade de se aproximar da realidade da população no que se refere às necessidades de saúde e, assim, fornecer subsídios para que as orientações e ações sejam articuladas com a realidade da população.

O SIAB foi referido como uma ferramenta utilizada pelos participantes da pesquisa para traçar as condições ambientais da população. Posterior à coleta de dados desta pesquisa, o SIAB foi substituído pelo Sistema de Informação em Saúde para a Atenção Básica (SISAB), como parte de uma estratégia do Ministério da Saúde de reestruturar as informações da Atenção Primária à Saúde (APS), denominada e-SUS Atenção Básica (e-SUS AB). Essa estratégia favorece ainda mais que os profissionais utilizem dessa ferramenta com vistas a questões ambientais, pois ela possui como premissa o cuidado centrado não somente no indivíduo e na família – como era no SIAB – passando a centrar-se nestes, mas também na comunidade e no território.²⁴

Apesar de todos os enfermeiros investigados terem identificado as condições ambientais da população por meio desse sistema de informação, poucos relatos surgiram a respeito de ações concretas realizadas a partir destas. A maioria apontou que depende de outros setores da prefeitura, como o de obras, para que ações sejam realizadas, visando mudar a realidade da população.

Essa problemática pode estar associada ao fato de que muitos profissionais das equipes de Atenção Básica não possuem domínio sobre os sistemas de informação e, dessa maneira, acabam por subutilizar a ferramenta a favor da assistência à saúde, especialmente, neste caso, sobre as questões ambientais.²⁵

Apesar da relevância que o SISAB/e-SUS AB tem para a gestão das informações e consequente impacto nos processos de trabalho e ações de saúde, é importante que os profissionais não limitem sua aproximação com o território somente baseados nas informações do sistema – produzidas por outros membros da equipe – mas que se insiram no território de maneira ativa, para de fato produzirem ações de saúde ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, foi possível atingir os objetivos propostos neste estudo de conhecer as ações de saúde ambiental realizadas pelos enfermeiros.

Constatou-se que a temática abordada no estudo foi pouco trabalhada na graduação dos enfermeiros entrevistados, contudo, todos relacionaram a saúde com o meio ambiente, identificaram problemas ambientais em seus territórios e relataram realizar ações ambientais no seu cotidiano. Questões referentes à precariedade de saneamento associado e destino inadequado do lixo foram os mais identificados pelos participantes.

Os participantes apresentaram dificuldades em desenvolver ações que proporcionem mudanças efetivas na vida da população, alegando falta de empenho do poder público na melhoria dos condicionantes de saúde da população. Constatou-se a relação e a relevância da abordagem sobre saúde ambiental na formação de enfermeiros, para que estes tenham um embasamento que resulte em um olhar ampliado sobre saúde, incluindo o ambiente. Além disso, enfatiza-se a necessidade de os enfermeiros formados buscarem atualizações sobre essa temática, de forma a se prepararem para enfrentar os problemas ambientais atuais, visto que a enfermagem desenvolve um importante papel nessa área.

Sugere-se que novas pesquisas referentes à saúde ambiental sejam realizadas, abrangendo diferentes realidades e percepções, a fim de contribuir com instituições e profissionais da saúde para o planejamento e concretização de ações no âmbito da saúde ambiental promovendo a promoção, prevenção e recuperação da saúde da população.

COLABORAÇÕES

Silva MM contribuiu para a concepção do estudo, coleta de dados, interpretação dos dados, redação do artigo e revisões. Ceolin T orientou e contribuiu para a concepção do estudo, interpretação dos dados, redação do artigo e revisões. Mendieta MC contribuiu na construção do artigo e auxiliou nas revisões. Piriz MA contribuiu na construção do artigo e auxiliou nas revisões.

REFERÊNCIAS

1. Queiroz FLL, Camacho RS. Considerações acerca do debate da educação ambiental presente historicamente nas conferências ambientais internacionais. Fórum ambiental da alta paulista. 2016; 12(1):1-13.
2. Viero CM, Camponogara S, Sari V, Erthal G. Percepção de docentes enfermeiros sobre a problemática ambiental: subsídios para a formação profissional em enfermagem. Texto Contexto Enferm. 2012; (21)4:757-65.

3. Organização Pan-Americana da Saúde (BR). Divisão de Saúde e Ambiente. Atenção Primária Ambiental. Brasília: Ministério da Saúde; 1999. 60p.
4. World Health Organization. Preventing disease through healthy environments: towards an estimate of the environmental burden of disease. [artigo na Internet]. World Health Organization; 2006. Disponível em: http://www.who.int/quantifying_ehimpacts/publications/preventingdisease.pdf.
5. Santos DAS, Silva MS, Azevedo JVV. A saúde e o meio ambiente na visão do enfermeiro na atenção primária à saúde. *InterfacEHS*. 2015; 10(2):95-107.
6. Lopes MSV, Ximenes LB. Enfermagem e saúde ambiental: possibilidades de atuação para a promoção da saúde. *Rev Bras Enferm*. 2011; (64)1:72-7.
7. Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Série Manuais Acadêmicos. Petrópolis: Vozes; 2016. 96p.
8. Soares SGA, Camponogara S, Terra MG, Santos TM, Trevisan CM. O que pensam os enfermeiros sobre a problemática ambiental. *Rev RENE*. 2012; (13)5:971-82.
9. Bardin L. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011. 229 p.
10. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012: aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.
11. Melo CMM. Desafios contemporâneos sobre trabalho e formação da enfermeira no Brasil. *Rev baiana enferm*. 2016; 30(2):3-5.
12. Berredo VCM, Brito HRS, Bittencourt LCRP, Santos DAS, Silva MS. Percepção de enfermeiros sobre saúde e meio ambiente adquirida na formação acadêmica. *Journal Health NPEPS*. 2018; 3(2):476-91.
13. Peres RR, Camponogara S, Costa VZ, Terra MG, Nietzsche EA. Saúde e ambiente: (in) visibilidades e (des) continuidade na formação profissional em enfermagem. *Esc Anna Nery*. 2016; 20(1):25-32.
14. Ferreira RT, Bampi AC. Crise ambiental, educação ambiental e saúde: desafios no processo formativo em enfermagem. *Rev Elet Mest Educação Ambiental*. 2018; 35(3):114-32.
15. Ministério da Saúde (BR). Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução Nº 50 de 21 de fevereiro de 2002: Dispõe sobre o Regulamento Técnico para planejamento, programação, elaboração e avaliação de projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.
16. Ministério da Saúde (BR). Instituto Nacional de Câncer. Tipos de câncer: pele não melanoma. [artigo na Internet]. Brasília: Instituto Nacional de Câncer; 2018. Disponível em: http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/tiposdecancer/site/home/pele_nao_melanoma.

17. Moura PF, Oliveira CSP, Oliveira CS, Miguel MD. Câncer de pele: Uma questão de saúde pública. *Visão Acadêmica*. 2017; 17(4):36-42.
18. Ministério da Saúde (MS) Instituto Nacional de Câncer. Como se proteger do câncer de pele? [Internet]. Brasil: Ministério da Saúde. [atualizado em 2018; citado em 2019 fev 19]. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/material-para-web/como-se-proteger-do-cancer-de-pele>.
19. Bruno FMR, Frozza MS, Fraga JML. O acordo de paris sobre o combate ao aquecimento global após a ordem executiva de independência energética de Washington. Artigo apresentado em: Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade. 4ª Edição. 2017 nov 8-10; Santa Maria, RS.
20. Ministério do Meio Ambiente (MMA). Taxa de desmatamento na Amazônia Legal [Internet]. Brasil: Assessoria de Comunicação Social (Ascom/MMA). [atualizado em 2018 nov 23; citado em 2019 fev 19]. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/informma/item/15259-governo-federal-divulga-taxa-de-desmatamento-na-amaz%C3%B4nia.html>.
21. Olson SH, Gangnon R, Silveira AG, Patz JA, Jonathan A. Deforestation and malaria in Mâncio Lima County, Brazil. *Emerg Infect Dis*. 2010; (16)7:1108-15.
22. Oliveira MJC, Santos MS, Santos MBL, Santos TBC, Silva KSA, Bezerra NC. Assistência de enfermagem no cuidado a diarreia infantil: revisão de literatura. *Rev on Facema*. 2017; 3(1):401-06.
23. Bazzanella NAL, Slob E. Visita domiciliar e saneamento básico: Ferramentas para prevenção e promoção de saúde. *SD*. 2013; 3(2):83-95.
24. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Estratégia e-SUS Atenção Básica e Sistema de Informação em Saúde da Atenção Básica – SISAB. Nota Técnica. Brasília: CONASS; 2013.
25. Martins R, Garcia MCM, Sodrê MR, Farah BF. Relato de experiência: importância do sistema de informação na Estratégia Saúde da Família. *Rev. APS*. 2018; 21(1):141.

Submissão: agosto de 2015.

Aprovação: maio de 2019.